



Cláudio Brito

Jornalista
claudio.brito@gruposinos.com.br

De Portão ou Canela para o mundo

Estou vivendo razoável euforia com a manchete de quinta-feira em nossos jornais, dando conta que o ministro Silvano Costa Filho, de Portos e Aeroportos, após noticiar prazos e obras para a recuperação do aeroporto Salgado Filho, sem vacilar, abordou outras possibilidades, como a internacionalização do aeródromo de Caxias do Sul, situação emergente, mais a concretização de um projeto que tem mais de uma década, o aeroporto 20 de Setembro, em Portão. Sem esquecer a proposta serrana, do aeroporto das Hortênsias, em Canela.

Senti um bem-estar explicável pelo sonho virando realidade, ainda que o tema esteja presente por conta das trágicas circunstâncias dos dias atuais, antes, durante e depois das tempestades.

Dou asas à imaginação e chego a ouvir o chamado de um imaginário sistema de som de uma sala de embarques: “Atenção senhores passageiros do voo número mil e trezentos, com destino ao Rio de Janeiro, ocupem seus lugares a bordo. Uma boa viagem e feliz Natal!”

E se fosse fevereiro? Boa viagem e feliz Carnaval! Uma viagem que usáramos para a condução de nossos com-

panheiros da equipe da Rádio ABC, a mais carnavalesca do rádio brasileiro. E a viagem de volta? “Atenção, senhores passageiros com destino a Canela. Boa viagem!”

Deixando os sonhos de lado, importante é considerarmos a visita de Costa Filho, que tomou contato, passou a conhecer e promete considerar as chances de chegarmos à realidade de novas pistas e equipamentos, que servirão a todos os passageiros, que viajarão por todos os motivos. Estou na torcida, querendo logo poder voar a partir de Portão ou da Serra.

Prefeito de Canoas
gabinete.prefeito@canoas.rs.gov.br

Jairo Jorge

A solidariedade da maioria

Canoas nunca viveu um momento tão difícil e nunca precisou tanto de união. Felizmente, a solidariedade e o amor ao próximo são a grande marca diante da tragédia das enchentes. Dedicação, doações, apoio vindo de todos os cantos do Brasil. Lamentavelmente, uma minoria, pensando em eleição, passa o dia espalhando mentiras.

É preciso colocar algumas coisas no lugar. Desde 27 de abril, antes das chuvas, trabalhamos para atender aos canoenses, enquanto essas pessoas plantam desinformação.

Com relação à evacuação na Rio

Branco, na noite de 2 de maio, com o trabalho de voluntários e da equipe da prefeitura, conseguimos conter as águas. No entanto, na manhã do dia seguinte, a água voltou a correr e determinamos a evacuação do bairro. O rompimento do dique no Prata aconteceu na madrugada do dia 4 e gerou a inundação repentina de toda a região sudoeste.

Sobre o hospital de Pronto Socorro: na manhã de 3 de maio, determinamos a evacuação da região da Mathias Vello. Colocamos mais de 10 mil sacos de areia no dique, o que garantiu o tempo

para a saída das pessoas. O rompimento aconteceu na madrugada seguinte.

Espero que aqueles que tentam implantar o caos tenham consciência. Estamos falando de vidas. Eu sei o que uma tragédia dessas significa na vida das famílias. Quando eu era criança, passamos por três enchentes. Perdemos tudo. Enquanto houver uma família de Canoas precisando, não vamos parar. Vamos reerguer nossa cidade.

Meu agradecimento a todos voluntários, servidores e todos que ajudam de todos os cantos do Brasil. Canoas não vai esquecer de quem ajudou.

Escritora e celebrante de casamentos
nanaviercelebrante@gmail.com

Nana Vier

As vozes submersas

Na vastidão do RS, onde as águas correm como veias pulsantes da terra, há uma sinfonia de histórias que muitas vezes são silenciadas sob o rugido das cheias. É nessas águas tumultuadas que as vozes das comunidades atingidas encontram sua própria corrente, lutando para serem ouvidas em meio ao caos e à urgência. Há uma importância transcendente em praticar a arte da escuta para aqueles que enfrentam as inundações repentinas que assolam suas vidas. Não é apenas uma questão de compreender as necessidades físicas e materiais, o que o povo gaúcho e todo o

Brasil está fazendo com uma grandeza sem limites, mas também de reconhecer a dignidade e a sabedoria que brotam das experiências compartilhadas.

Imagine-se navegando pelas ruas transformadas em rios, onde casas se tornam ilhas e vidas se equilibram na corda bamba da incerteza. É aqui que a escuta se torna um farol de esperança em meio à escuridão das águas turbulentas. Nessas horas sombrias, as pessoas não precisam apenas de resgate físico, mas também de resgate emocional. Escutá-las será um ato de empatia, uma ponte que conecta corações dila-

cerados pela força implacável da natureza. É um gesto simples, mas carregado de significado, que diz: “Você não está sozinho. Sua dor não passa despercebida.”

Ao abrir nossos ouvidos para essas vozes, estamos reconhecendo a sua humanidade, a sua força e a sua resiliência diante da adversidade. À medida que o rio recua e as águas se acalmam, que possamos lembrar que as histórias não desaparecem junto com as cheias. Elas permanecem, como pedras preciosas nas margens do tempo, esperando para serem ouvidas e honradas.

Sueli Cabral

Professora da Feevale e socióloga
suelicabral@feevale.br

Eu salvei o banquinho

Não lembro a data exata, mas sei que era março, as águas de março fechando o verão. Elas não traziam a promessa de vida, mas a desolação, arruinando vidas. No início dos anos 1980, em uma enchente na zona sul de São Paulo, vi meu pai chorar pela primeira vez. Mineiro, quieto e resiliente, era operário de fábrica e fazia o imposto de renda dos amigos.

As águas entraram e levaram tudo, incluindo documentos dos colegas e os fragmentos do nosso lar. Foi neste momento que ele chorou, colocando no alto da mesa alguns banquinhos que ele havia construído. Esta cena ficou gravada: as lágrimas de um homem salvando seus banquinhos que havia feito com as próprias mãos.

A vida seguiu e eu saí de casa. Sorrateiramente, roubei um banquinho. Ele me acompanhou durante 40 anos. Na véspera do meu aniversário de 58 anos, as águas assolaram minha vida. Águas de maio, destruindo meu sonho de segurança. Agora eu entendia as lágrimas e o

sofrimento dos meus pais. A destruição não era apenas física; era uma ruptura com tudo o que eu conhecia, um rompimento com a ideia de lar e segurança.

As paredes, antes cheias de memórias, eram sombras cobertas pela lama. Amigos e vizinhos, desamparados, refletiam minha insegurança. O lar se reduziu a escombros. Segurança é uma ilusão frágil. As águas sujas não destroem apenas coisas: destroem vidas, lembranças, sonhos, projetos. Revelam a vulnerabilidade escondida em nossa existência.

Depois de quase 15 dias, entrei no que chamava de lar e, quase inconscientemente, procurei meu banquinho. Lá estava ele, largado num canto, repleto de uma gosma horrenda. A visão daquele objeto simples trouxe um breve alívio. Retirei-o do lamaçal e, como meu pai, o salvei. Aquele pequeno gesto me fez sentir uma conexão tênue com o passado, uma âncora em meio à tempestade que, de alguma forma, me ajudaria a reconstruir e seguir em frente.

Nestor Luiz Trein

Professor
nestorluztrein@gmail.com

As visitas

Pois não é que a dona dengue resolveu me fazer uma visita, sem ao menos perguntar se a receberia? Sorte minha que a vaga do segundo andar estava ocupada, mas eu quase acreditei que os querubins estavam em recepção. A grande lição: nada supera o apoio de esposa, filho, médicos e amigos. Por eles, continuo escrevendo aqui no térreo.

Mas o que eu gostaria de falar é de outra visita, a do nosso comandante em chefe da nação brasileira. Como todos sabem, nosso Rio Grande do Sul foi “contemplado” com o maior desastre climático de que se tem notícias. Cidades inteiras dizimadas pelas águas, mortes e destruição de tudo juntado ao longo de uma vida em um piscar de olhos.

Porém, nossas façanhas fazem coro. Tanto é que brotam ajudas humanitárias, do Brasil inteiro e até do exterior. Nesta tragédia, destaca-se um desconhecido equilíbrio emocional e competência administrativa do nosso governador.

A União, acionada, faz-se presente com todas suas forças, tanto de civis quanto de militares. Mas o nosso presidente não precisava ter vindo vestindo a túnica da política, sugerindo “Pimenta Bionica” para comandar e gerenciar tudo que está sendo feito. Logo ele, que combateu a “bionice” em priscas eras.

Sim, foi uma forma de visita indigesta aos nossos brios, e eu não seria gaúcho se aceitasse isto calado.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Voluntários, em mutirão, preparando refeições para os desabrigados. O registro feito na Wallau, nesta semana, é o retrato da solidariedade gaúcha.

Jessica da Rosa
Vetter Fonseca
Novo Hamburgo

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcmas.com/
opiniao